



RELAÇÕES ENTRE DESEJO E FANTASIA NA PSICANÁLISE: ARTICULAÇÕES NECESSÁRAS EM FREUD E LACAN

Henrique Breviglieri¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a tese que desejo e fantasia, tomados a partir da visão da psicanálise, possuem relações indissociáveis, estando ligados por um elo impossível de romper. Para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas leituras críticas de textos de Freud e Lacan, publicados em língua portuguesa, pertinentes ao tema estudado; extraindo, analisando e relacionando as informações que melhor corroboram a tese defendida. Os temas abordados são: articulações entre desejo, fantasia e sexualidade; o desejo como elemento fundamental da estruturação psíquica do sujeito; a fantasia do desejo como origem e sentido do sintoma nos casos clínicos de Freud; e a fantasia como suporte necessário do desejo. Desejo e fantasia, compreendidos a partir das teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, estão imbricados em uma relação indissociável, sempre mantidos em uma articulação bilateral e bidirecional. A fantasia é o suporte necessário do desejo, sem a qual ele não constitui a sua forma. O desejo, por sua vez, está no princípio da fantasia, ele a desperta e faz com que ela retroaja criando a configuração imaginária do desejo. O desejo se expressa fenomenicamente no plano da fantasia, na ordem do imaginário. Ainda que simbolizado pela linguagem, os significantes articulados no discurso que se cria sobre o desejo não alcançam a experiência primária que o sujeito vivencia na fantasia. Não obstante, o discurso produzido sobre a fantasia do desejo é um dos recursos mais potentes da práxis psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise; Desejo; Fantasia; Freud; Lacan.

ABSTRACT

This work aims to evidence the thesis that desire and fantasy, taken from the point of view of psychoanalysis, have inseparable relationships, being associated by a link impossible to break. In order to reach the proposed objective, critical readings of published texts by Freud and Lacan, in Portuguese language, relevant to the subject studied were made; extracting, analyzing and relating the information that best evidences the defended thesis. The topics covered are: articulations between desire, fantasy and sexuality; desire as a fundamental element of the subject's psychic structuring; the fantasy of desire

¹ Henrique Breviglieri – graduado em Psicologia pelo Uni-FACEF, graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Municipal de Franca e mestre em Psicologia pela UFTM. Pesquisador nos grupos NESEF-UFPR e CIFACS-UFTM. Psicólogo e psicanalista em clínica particular em Franca, SP.



as the origin and meaning of the symptom in Freud's clinical cases; and fantasy as a necessary support of desire. Desire and fantasy, understood from the psychoanalytic theories of Freud and Lacan, are imbricated in an inseparable relationship, always maintained in a bilateral and bidirectional articulation. Fantasy is the necessary support of desire, without which it does not take its form. Desire, on the other hand, is at the beginning of fantasy, it awakens it and makes it react by creating the imaginary configuration of desire. Desire is expressed phenomenally on the plane of fantasy, in the order of the imaginary. Although symbolized by language, the signifiers articulated in the discourse that is created about desire do not reach the primary experience that the subject experiences in fantasy. Even so, the discourse produced on the fantasy of desire is one of the most potent resources of psychoanalytic praxis.

Keywords: Psychoanalysis; Desire; Fantasy; Freud; Lacan.

Introdução

O desejo sempre foi e sempre será impreterível na psicanálise. Seu valor para a construção teórico-científica e para a práxis psicanalíticas é inestimável. Ele está na base de tudo o que há de mais essencial na psicanálise: o Inconsciente, a sexualidade, o sintoma, a etiologia e a fenomenologia dos quadros e estruturas clínicas, a economia libidinal – está, enfim, em toda a dinâmica psíquica.

Quando se considera, além da dinâmica, a própria estruturação psíquica do sujeito, o desejo continua a figurar como elemento de primeira ordem, sendo a estruturação psíquica dependente da forma como a psique reage e se desenvolve face o desejo, em especial em momentos fundamentais da constituição subjetiva, como a Identificação Primária, o Complexo de Édipo e a organização psicosssexual.

Em um primeiro momento, ao retomar a obra de Freud, e dela extrair em perspectiva desenvolvimentista a construção da psicanálise, é possível perceber que os termos desejo e representação possuem um espaço mais consolidado que a fantasia. No entanto, quando tomamos a mesma obra por uma perspectiva estruturalista, entendendo, portanto, a relação entre os conceitos que compõem a estrutura teórica da psicanálise freudiana e retornando a construção da totalidade aos conceitos articulados, nota-se que a



fantasia está em toda parte – ela é necessária à própria existência do desejo, e com isso, à existência também da sexualidade psicanalítica, dos sistemas/instâncias da Primeira e da Segunda Tópica do Aparelho Psíquico, das pulsões e por aí se segue.

Em relação à representação (*Vorstellung*), o que é uma representação de desejo senão uma fantasia? O conceito de *Vorstellungsrepräsentanz* (representante da representação), enunciado por Freud (1915/1990) e retomado amiúde por Lacan (1957-1958/1999; 1958-1959/2016; 1959-1960/2008; 1962-1963/2005), pode ser tomado por duas vias: a primeira pelo caminho do enunciado linguístico do sujeito e de sua cadeia discursiva, fundando-o no significante (LACAN, 1958-1959/2016); e a segunda pelo caminho da fantasia. Pelo segundo caminho, o representante psíquico mais proeminente e evidente do desejo e de sua representação é essa construção humana chamada fantasia.

Sim, trata-se de uma construção humana. Ao que saibamos, outras espécies não possuem atividade psíquica imaginária para a produção de fantasias. A exclusividade humana da fantasia é um traço tão distintivo da nossa espécie quanto a racionalidade, o pensamento abstrato e a linguagem codificada; talvez até mais real e autêntico, no sentido que Lacan (1956-1957/1988) atribui ao “real”, concordando com Freud (1900/2018) que o Inconsciente é a verdadeira realidade psíquica.

Ao adentrar o campo da sexualidade psicanalítica, eis, então, o que mais marca a sustentação do que este trabalho pretende evidenciar. A sexualidade na psicanálise, que tem como seu elemento central o desejo, diverge de outras concepções exatamente porque o caminho do desejo, para a psicanálise, não é “desejo->realização em ato”, mas, sim, “desejo<->fantasia” (BREVIGLIERI, 2022). Estes dois termos não são apenas coexistentes na experiência, eles estão necessariamente articulados.

A fantasia, como defende Lacan (1958-1959/2016), é o suporte necessário do desejo. O desejo existe e deve sempre existir somente e tão somente no plano da fantasia. Fora desse campo, ele se torna mera economia energética, enquanto busca por prazer (redução de tensão psíquica) investindo



a energia excitada que causou o desprazer (elevação de tensão psíquica causada por uma excitação enérgica). Esta concepção econômica tem seu valor - e permeou a estrutura teórica freudiana -, mas é insuficiente para dar conta da experiência analítica e da vivência humana.

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a tese que desejo e fantasia, tomados a partir da visão da psicanálise, possuem relações indissociáveis, estando ligados por um elo impossível de romper. Para alcançar o objetivo proposto, foram feitas leituras críticas de textos publicados de Freud e Lacan em língua portuguesa pertinentes ao tema estudado; extraíndo, analisando e relacionando as informações que melhor corroboram a tese defendida.

Os temas abordados são: articulações entre desejo, fantasia e sexualidade; o desejo como elemento fundamental da estruturação psíquica do sujeito; a fantasia do desejo como origem e sentido do sintoma nos casos clínicos de Freud; e a fantasia como suporte necessário do desejo.

Articulações entre desejo, fantasia e sexualidade

Nos dias de hoje é muito comum que se alcance popularidade por meio da polêmica. É algo premeditado – o conteúdo da polêmica é de mínima relevância ao seu agente, o mais importante é a repercussão e os ganhos do agente com o “caos” que ele consegue instaurar no debate popular. Freud era um cientista que não se permitiria algo desse jaez; em vários momentos ele temia o mal-estar que suas publicações pudessem causar, principalmente potenciais desqualificações da psicanálise (que acontecerem em abundância na sua época e ainda acontecem em volume considerável).

Um cientista em meados do século XIX e início do século XX, no auge do “espírito positivo” da ciência (BREVIGLIERI, 2021a), deveria se preocupar com cada milímetro do seu método de investigação e com cada palavra de sua formulação teórica, podendo custar, caso ocorresse um “desvio” considerado grave em relação ao paradigma hegemônico, todo o seu respeito na comunidade científica.



Freud foi bastante criticado contundentemente pela comunidade científica, em especial a comunidade médica, da qual era participante, inclusive se queixando da hipocrisia daqueles que o desprezavam publicamente (FREUD, 1914/2012). Contudo, como um autêntico cientista, independente do paradigma epistemológico hegemônico, Freud não cedeu às críticas e às pressões, mantendo-se fiel às suas convicções e ao que observava na realidade da experiência clínica até o fim de sua vida e obra.

Os princípios de sua teoria mais “caros” (em diversos sentidos, pois lhe “custavam” muito) eram a crença no Inconsciente como realidade psíquica fundamental, a ciência dos sonhos como via de investigação do Inconsciente, a teoria do recalçamento/repressão (*Verdrängung*) e das resistências e a teoria da sexualidade infantil (FREUD, 1914/2012). Esta última, não somente uma controvérsia científica, mas uma afronta à moralidade da época, pautada pelos princípios e valores do puritanismo vitoriano.

Muito escândalo se fez e continua a se fazer em relação ao entendimento de sexualidade na psicanálise. Quando Freud aborda a sexualidade infantil, um sentimento de repúdio costuma tomar conta da alma de quem não sabe o suficiente a respeito. A sexualidade infantil na psicanálise é a organização do corpo do sujeito em desenvolvimento (a criança e o adolescente) enquanto um corpo erógeno – um corpo do desejo e dos afetos. Este corpo, de acordo com a teoria freudiana (FREUD, 1905/2016), é investido de energia libidinal em etapas ou fases sucessivas de sua organização psicosssexual – oral, anal, fálica, latência e genital.

Ao serem investidas com um *quantum* de libido, essas zonas do corpo se tornam “zonas erógenas”, se excitando e gerando desprazer (elevação de tensão psíquica provocada pelo excesso energético libidinal), e respondendo, de imediato, com a busca do prazer (redução da tensão psíquica mediante o investimento da energia excitada). Esta resposta ao desprazer em busca do prazer é o que Freud (1900/2018; 1905/2016) conceituou como “desejo sexual”.

Esse é o ponto crucial para se entender a sexualidade psicanalítica e a distinguir de outros entendimentos, como aquele imperante no senso-comum: o



desejo sexual não segue o caminho “desejo->consumação no ato sexual”, mas, sim, o direcionamento “desejo<->fantasia”.

Não há parâmetro melhor de explicação que a própria sexualidade infantil: a criança, em idade tenra, não possui seu desejo configurado como um querer ter um ato sexual com seu objeto de desejo (ela não tem a menor noção do que é e como é um ato sexual), ela se fantasia enquanto objeto causador de desejo (“objeto pequeno a”) daquele a quem se dirige seu desejo.

O desejo edipiano incestuoso, por exemplo, não é desejo de copular com a mãe, é desejo de possuir o desejo todo da mãe, ser seu objeto afetivo exclusivo. A fórmula Lacaniana de que o *desejo é desejo do Outro* (LACAN, 1958-1959/2016; 1957/1958/1999; 1959-1960/2008; 1960-1961/1992; 1962-1963/2005; 1964/1998), repetida incansavelmente por Lacan e por sua escola, é de enorme pertinência para que essa compreensão fique clara – desejo não é o ato com o Outro, é ser o causador do desejo do Outro, seu possuidor.

Sendo assim, a resolução do desejo não está no plano da realidade concreta, ela está no plano da atividade imaginária do sujeito desejante, ou seja, na sua fantasia, que Lacan (1958-1959/2016) expressa pela fórmula “\$<->a”: a resposta e a atividade do sujeito face o seu objeto de desejo.

O desejo e a fantasia como elementos fundamentais da estruturação psíquica

Em suas descrições das estruturas clínicas – neuroses, psicoses e perversões -, Freud sempre tomou a relação do desejo com as defesas psíquicas do sujeito como o ponto de partida dessa estruturação.

O neurótico, diz Freud (1924[1923]/2016), tem seu desejo barrado pela censura, conjugada pelas resistências psíquicas que o sujeito desenvolveu em seu processo educacional, sofrendo o desejo um “recalcamento/repressão” (*Verdrängung*). O desejo, no entanto, não fica inerte no Inconsciente, uma vez que com ele ficou represada a libido que ele buscava investir; ele se realiza simbolicamente no sintoma neurótico (dentre outras formas de realização simbólica, como os sonhos, os chistes, as parapraxias e as atuações inconscientes).



O que muito nos interessa é que o que é recalcado/reprimido não é o desejo em sua forma bruta (que seria, neste estado, somente um momento de economia energética na circulação da libido), o que é recalcado/reprimido é a representação do desejo, ou, sendo mais preciso, a *fantasia do desejo*. Boa parte do trabalho psicanalítico com as neuroses consiste em perseguir essa fantasia, para que aquilo dela passível de se tornar consciente na análise possa ser elaborado pelo analisando.

Por uma aproximação da clínica lacaniana, considerando que é o significativo que é recalcado (LACAN, 1958-1959/2016), o trabalho psicanalítico na clínica das neuroses busca os significantes da cadeia discursiva do Inconsciente que “escapam” no discurso do sujeito. São *significantes da fantasia* - a enunciação possível ao sujeito de fazer sobre sua fantasia, mediante os instrumentos da linguagem, reconhecendo as limitações desta em fazer uma correspondência exata da experiência e sabendo que a imprecisão gera sempre uma aproximação entre o que é vivido e o que é dito, nunca uma completa identificação (BREVIGLIERI, 2021b).

Nas psicoses, de acordo com a concepção freudiana, um desejo, ou mais exatamente uma fantasia de desejo, sofre uma frustração intolerável, fazendo com que ocorra a rejeição (*Verwerfung*) da parte da realidade que impôs essa frustração, criando uma fissura entre a realidade psíquica e a realidade externa, além de uma cisão do próprio Eu/Ego do sujeito (FREUD, 1924[1923]; 1924/2016). Em razão dessa fenda entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva, o real e a fantasia se mesclam na realidade do sujeito de estrutura psicótica, dificultando a ele fazer uma discriminação.

Quanto às perversões, a fantasia do desejo ultrapassa a censura, mas entra em jogo a “negação” (*Verneinung*). O sujeito perverso tem consciência de suas fantasias perversas, mas ele as nega e recusa admitir. Esta é a condição para que essas fantasias ultrapassem a censura e escapem ao recalco (FREUD, 1925/2016).

Na clínica estruturalista de Lacan, o Édipo e seus tempos são fenômenos determinantes para a estruturação psíquica do sujeito.



Nas neuroses (obsessiva e histérica), o significante/metáfora paterna – o “Nome-do-Pai” – interdita o significante/metáfora materna – o “Desejo-da-Mãe” – quando do Complexo de Édipo, instaurando a castração simbólica e estruturando o sujeito neurótico como um sujeito da falta (\$) (LACAN, 1957-1958/1999).

A manifestação clínica e fenomenológica da neurose histérica revela uma evidenciação da fantasia enquanto suporte para o desejo do Outro (A). O desejo da neurose obsessiva, por sua vez, é evanescente (LACAN, 1957-1958/1999), o que não implica numa completa ausência de desejo (afânise), mas em um encobrimento da fantasia pela ação das resistências.

Nas psicoses, o Nome-do-Pai é rejeitado, não havendo, portanto, esse momento fundamental de interdição do Desejo-da-Mãe e da consequente simbolização da castração, fazendo com que o psicótico se estruture como um sujeito sem inscrição na ordem do simbólico, em que estão as insígnias da Lei, desvelando o seu Inconsciente “a céu aberto” (LACAN, 1956-1957/1988).

Em razão da defasagem do simbólico, o objeto foracluído retorna na ordem do real. A discriminação entre fantasia e realidade, para o sujeito de estrutura psicótica, é uma falha lógico-conceitual e inexiste na prática. Os delírios do Presidente Schreber, amplamente explorados por Lacan (1956-1957/1988), evidenciam esse retorno do objeto na ordem do real – os delírios não são fantasias pela percepção de quem os vivencia, eles são a realidade². (Nota de rodapé ->”).

Observa-se, pois, que tanto a etiologia e a fenomenologia das grandes estruturas clínicas freudianas quanto a clínica estruturalista lacaniana se apoiam sobre as articulações existentes entre o desejo e a fantasia, inserindo nessas articulações mecanismos psíquicos que direcionam caminhos distintos de desenvolvimento.

² consultar a “tese das Quatro Instâncias do Real”, publicada originalmente no meu livro “A Psicanálise de Sigmund Freud: desvelando o caminho por um trajeto transdisciplinar



A fantasia do desejo como origem e sentido do sintoma nos casos clínicos de Freud

Ao longo de sua obra, Freud relatou casos clínicos que, além de constituir material valioso de pesquisa clínica, evidenciavam as relações entre fantasias de desejo e o recalçamento/repressão (*Verdrängung*) na origem e no sentido da sintomatologia apresentada pelos pacientes. Vejamos alguns desses casos.

Em “Estudos sobre a histeria” (BREUER & FREUD, 1895/1990), o caso da paciente “Anna O.”, atendida por Breuer, é emblemático.

A Srta. Anna O., aos vinte e um anos, era dotada de grande capacidade intelectual, afetiva e criativa. Apesar de possuir alguma herança de parentes distantes psicóticos, essa não era uma característica de seus pais. Anna O. também era impetuosa, provida de força de vontade, generosidade e solidariedade. Entretanto, apesar de todos esses atributos que podem ser considerados positivos, ela possuía uma mentalidade sexual pouco desenvolvida, uma vez que fora educada nos valores rígidos e constritivos do puritanismo. Sintomaticamente, ela possuía somente alguns devaneios. No entanto, após a morte de seu pai – de quem cuidava e a quem era extremamente afeiçãoada -, ela desenvolveu um quadro psicopatológico grave.

Os sintomas foram descritos como advindos de uma “psicose de natureza peculiar”, apresentando parafasias, graves problemas visuais, estrabismos, paralisia total (manifestada através de contraturas) de membros inferiores e superiores, oscilações de estados de consciência - transitando por melancolia, euforia e alucinações pavorosas -, mudança de idioma falado (alterando do alemão para o inglês), lacunas na sequência de seus pensamentos, oscilações rápidas de humor, sonolência e impulsos suicidas.

Inicialmente, eram realizadas sessões de hipnoses que permitiam que Anna O. resgatasse memórias alucinatórias. Inusitadamente, os sintomas desapareciam quando, por meio de uma análise retrospectiva, a paciente conseguia descrever acontecimentos passados – este processo foi batizado



pela própria paciente de “cura pela fala” (*talking cure*). A recuperação dos eventos que geraram os sintomas resultava em sua remissão.

É importante ressaltar que, até o momento do tratamento de Anna O., a psicanálise ainda estava na fase do “método catártico”, que consistia simplesmente em trazer à consciência eventos que haviam sido suprimidos pela ação do recalque. Tempos depois, com o desenvolvimento da técnica psicanalítica, foi observado que não bastava trazer à consciência essas “memórias esquecidas”, era necessário que essas vivências fossem elaboradas (FREUD, 1914/1990; 1920/2018).

O que havia de tão especial e distintivo nesses eventos “esquecidos” que provocavam os sintomas de Anna O.? Eles estavam diretamente associados a fantasias, que, em uma mulher que sofria repreensões de naturezas variadas e uma consciência de sexualidade pouquíssimo desenvolvida, faziam suporte para seus desejos; com destaque aos desejos incestuosos pelo pai e àqueles que se instalaram na figura de seu médico: Breuer.

Há também no Caso Anna O. lembranças que indicam um forte conteúdo traumático e complexo. O trauma é, sim, assinalado por Freud (1926/2014; 1939/2019) como uma fonte de surgimento de sintomas, uma vez que, por sua impossibilidade de elaboração e simbolização, conduzem a reações de defesa psíquicas, como fixações, compulsões à repetição, inibições, fobias etc.

O que precisa ser indagado, no Caso Anna O., é se os traumas que apareciam em sua “chaminé” (termo evocado pela própria paciente para se referir ao seu complexo de experiências que estavam sendo desveladas no tratamento) estavam ou não associados aos seus desejos. Pelo que é sabido de sua relação com homens mais velhos (e isto pode ter sido um fator mobilizador na transferência com Breuer), parece haver um plano de fundo (*background*) de desejo nas experiências da paciente relatadas durante o tratamento.

Algo de semelhante acontecia em um caso de neurose obsessiva atendido por Freud, o caso do “Homem dos Ratos”.



O paciente de Freud (1909/1975) que foi denominado “Homem dos Ratos” apresentava ideias obsessivas e, ligadas a elas, comportamentos compulsivos, que o atormentavam em grau severo de sofrimento neurótico.

Além das obsessões, ele manifestava uma fantasia em que, em um ato de tortura, ele inseria ratos no ânus dos torturados.

O cerne da neurose do Homem dos Ratos era o conflito entre os seus desejos e os atos de seu pai. Ele não realizou seus desejos, pois repetiu os atos do pai como uma dívida herdada. A fantasia de introdução de ratos no ânus de pessoas torturadas era o suporte do seu desejo não-satisfeito em razão da alienação pelas dívidas do pai. De algum modo, essa fantasia sádica atormentadora deslocou as fantasias de desejo que foram recalçadas/reprimidas – as primeiras passaram a simbolizar as segundas.

No caso do “Homem dos Lobos”, Freud (1918[1914]/2010) relata uma neurose multifacetada em que o distúrbio se instala aos 12 anos de idade do paciente e, quando este chega ao tratamento, está completamente incapacitado e dependente, com depressão, fobias e pesadelos recorrentes. A neurose começou a se manifestar, em idade mais remota, por zoofobia e perversidades com animais, além de obsessões e compulsões de conteúdo religioso.

O paciente relatava um sonho em que aparecia um lobo erguido e outro agachado. No curso da análise, Freud conseguiu interpretar o sonho do seguinte modo: o lobo erguido deslocava a representação inconsciente do pai que, na “cena primária”, foi visto pelo paciente transando com a mãe, estando ela agachada. O lobo agachado, portanto, deslocava a imagem da mãe na cena primária.

O desejo que se manifestava e se realizava no sonho e nas fobias era a satisfação do pai, com uma atitude sexual passiva por parte do paciente. A fantasia que se exprimia no sonho dos lobos, portanto, fornecia o suporte necessário ao desejo homossexual recalçado/reprimido do paciente em relação ao seu pai – o desejo de ser ele próprio o lobo agachado, tomado pelo desejo do pai. A fantasia estava no sonho e permitia a experimentação do desejo.



Se prosseguíssemos com mais casos clínicos relatados por Freud, como o do “Pequeno Hans” e o “Caso Dora”, veríamos o mesmo mecanismo: o desejo é contornado e formatado por uma fantasia, que barrada pela censura e pela ação do recalçamento, se converte em sintomas neuróticos.

A fantasia como suporte necessário do desejo

O que fica mais evidente nos casos clínicos publicados por Freud é a necessidade de o desejo se estruturar como uma fantasia. A “forma psíquica” do desejo, ou sua vivência fenomênica, a níveis consciente e inconsciente, é a fantasia, sendo necessário que se construa uma fantasia do desejo.

A fantasia é sobretudo, concordando com Lacan (1958-1959/2016), o suporte necessário do desejo, o lugar em que ele se apoia e a matéria mesma de sua construção. A articulação é bilateral e bidirecional: desejo<->fantasia.

Esta articulação está presente nas duas tópicas do aparelho psíquico formuladas por Freud.

Na Primeira Tópica, a fantasia do desejo que é barrada pela censura não chega ao Pré-Consciente para se tornar acessível à Consciência e seguir seu curso até o Sistema de Motilidade (FREUD, 1900/2018).

Na Segunda Tópica, o desejo, enquanto elemento fundamental das pulsões do Isso/Id, ao ser construído como uma fantasia, se defronta com os limites da realidade impostos pelo Eu/Ego e com a crítica incisiva do Supereu/Supergo. É contra a fantasia de desejo que os limites e a crítica se impõem.

A articulação desejo<->fantasia também está presente no Édipo. A criança, no lugar de “Eu Ideal” (FREUD, 1914/2010), consolida o seu desejo na fantasia de ocupar o lugar do desejo e do amor todos da mãe. Após a interdição pela presença e pela lei do pai, o seu desejo se implica na identificação com o pai, que se encerra em outra fantasia: o “Ideal de Eu”.



Considerações finais

Desejo e fantasia, compreendidos a partir das teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, estão imbricados em uma relação indissociável, sempre mantidos em uma articulação bilateral e bidirecional. A fantasia é o suporte necessário ao desejo, sem a qual ele não constitui a sua forma. O desejo, por sua vez, está no princípio da fantasia, ele a desperta e faz com que ela retroaja criando a configuração imaginária do desejo.

O desejo se expressa fenomenicamente no plano da fantasia, na ordem do imaginário. Ainda que simbolizado pela linguagem, os significantes articulados no discurso que se cria sobre o desejo não alcançam a experiência primária que o sujeito vivencia na fantasia. Ainda assim, o discurso produzido sobre a fantasia do desejo é um dos recursos mais potentes da práxis psicanalítica.

REFERÊNCIAS

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). *Estudos sobre a histeria*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

BREVIGLIERI, H. *Introdução à História da Filosofia e à História da Psicologia*. 3. ed. – Curitiba: Editora CRV, 2021a.

BREVIGLIERI, H. Limites de precisão da linguagem na comunicação: de toda comunicação como um mal-entendido. In: OLIVEIRA, C, F; BORGES, M, C. Discursos verbais e verbais: estudos linguísticos em ação. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2021b.

BREVIGLIERI, H. *A Psicanálise de Sigmund Freud: desvelando o caminho por um trajeto transdisciplinar*. Curitiba: Editora CRV, 2022.

FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos, volume 2*. Tradução do alemão de Renato Zwick, revisão técnica e prefácio de Tania Rivera, ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.



FREUD, S. (1901-1905) *Obras completas, volume 6* : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1909). Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. X). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975, p.159-325.

FREUD, S. (1912-1914) *Obras completas, volume 11* : totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 189-203.

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo; ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente – In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). *Obras completas*, v. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Tradução do alemão de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Tales de Ab´Sáber; ensaio biobliográfico de Paulo Endo, Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

FREUD, S. (1924 [1923]). Neurose e Psicose. In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. São Paulo: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1924). A perda da realidade e na neurose e na psicose. In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. São Paulo: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1925). A negação. In: FREUD, S.. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. São Paulo: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1926). *Obras completas, volume 17*: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



FREUD, S. (1939[1924-1938]). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In: FREUD, S. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César de Souza – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LACAN, J. (1956-1957) *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. MAGNO. – Rio de Janeiro : Zahar, 1997.

LACAN, J. (1957-1958). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. (1958-1959). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2016.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. MAGNO. – Rio de Janeiro : Zahar, 2008.

LACAN, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão de texto, Romildo do Rego Barros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. MAGNO. – Rio de Janeiro : Zahar, 1998.